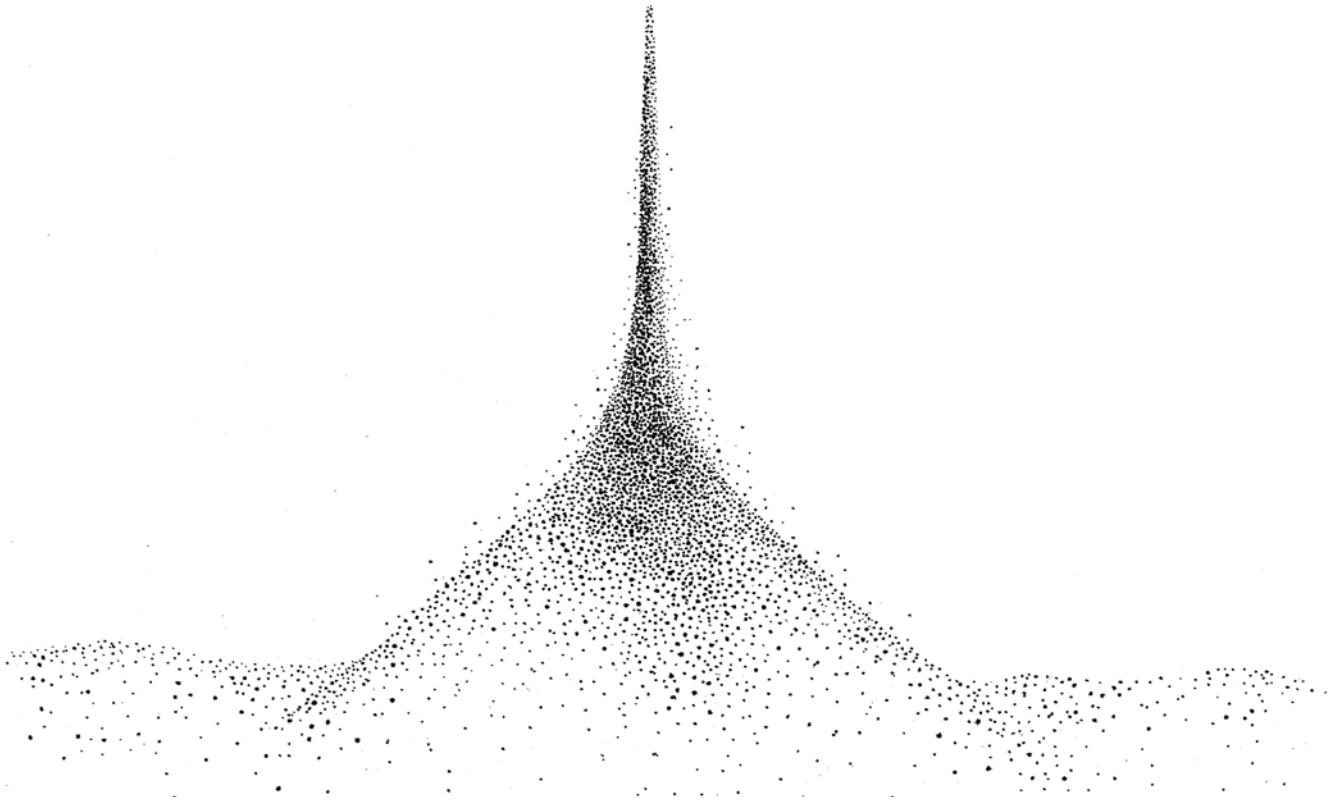
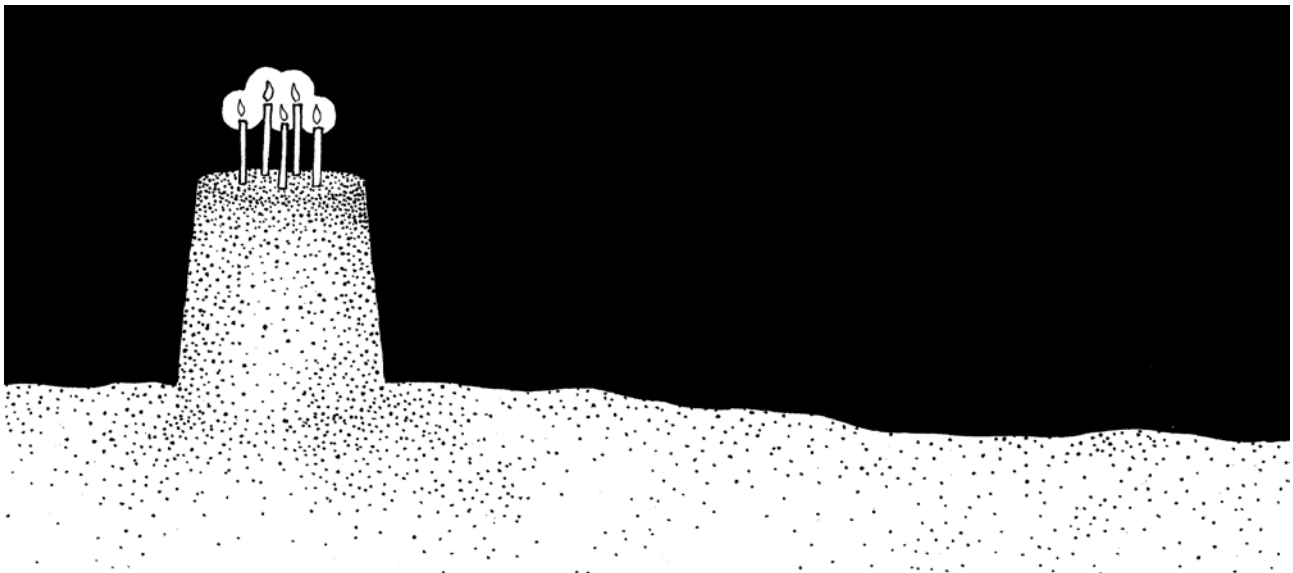
FELIPE ARRUDA, texto | LAURA GORSKI, ilustração



MATÉRIA DE MENINO

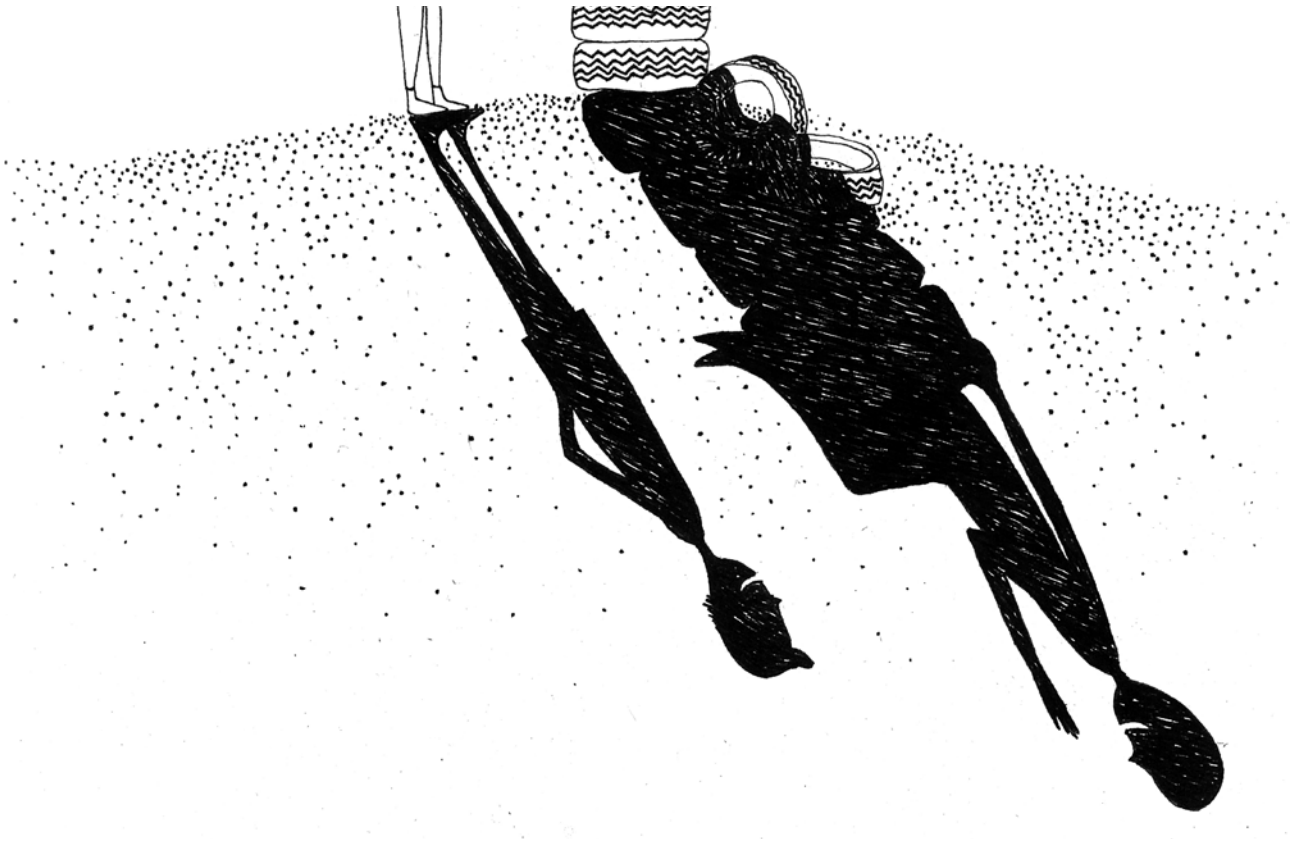
No tempo de um dia, eu fui feito importante. Mais do que os presentes, aquela palavra me agraciou, me deu uma altura que eu ainda não tinha. Um certo recheio de gente grande; ingrediente da infância, dos que alimentam verdades. Depois de ter ouvido de minha mãe logo cedo, pude eu mesmo me substantivar quando chegaram os convidados: eu sou o aniversariante.

A pronúncia do novo nome naquele dia imantou uma luz ao meu redor. Ao passo que as pessoas chegavam, essa aura se expandia exponencialmente; a todos assim me apresentava. E quando amigos recentes de minha mãe perguntaram "quem é o...", não foi preciso completar, pois viram nos meus olhos aquele que queriam.



Dono de mim, passei a tarde com os amigos correndo pelos arredores da casa, infiltrado pelos corredores, liderando excursões à cozinha para roubar quindins adiantados; mas quando parávamos quietos num quarto, todos me circundavam como se eu fosse uma atração especial. Em cada gesto, em cada risada, em cada cadeira derrubada, eu era imitado pela trupe. Alguém mandava: *siga o mestre!*.

Foi numa das pausas de restaurar o fôlego que eu o conheci. No que mirávamos uma taturana prenha subir um tronco no quintal, uma voz me anunciou por trás da turma, usando com clareza meu codinome do dia. Antenei os ouvidos. Deixei meus convidados entretidos com a perseguição à lagarta e me aproximei devagar do tanque de areia. Lá, sobre a pilha de velhos pneus, estava sentado um menino transparente.



A última cena que lembro dessa tarde foi durante o parabéns. Minha mãe pedia atenção para a foto, alguns amigos se escondiam sob a mesa dos doces, nos guardanapos tinham meus desenhos prediletos. Despercebido por todos, eu trocava risadas apenas com meu novo amigo. Tocamos os ombros de lado, cúmplices do nosso silencioso segredo. Surrupiamos um brigadeiro durante as palmas. E as cinco velas em cima do bolo foram apagadas em dupla.

• • •

Na manhã seguinte, acordei abraçado a papéis de presentes, entre retalhos coloridos como um sonho. Arranjei os brinquedos à minha volta, minhas novíssimas companhias. Mexia em todos eles, desvendando cada herói, cada pecinha e mecanismo, quando ouvi minha mãe, que

preparava o café na cozinha, evocando alto por mim. Pelo meu nome de sempre. Repetido três vezes, como um carimbo teimoso. Larguei de susto o que tinha nas mãos. Senti de imediato que meu título havia expirado, indiferente à validade do meu sentimento. E naquele tempo, eu não sabia o tamanho de um ano.

Antes que eu saísse do quarto ele me chamou para brincar. Demorei um pouco para acreditar que ele ainda pudesse estar em casa, mas nossos olhares confirmaram que era hora de sair para a rua. E voando. Deu tempo de avisar minha mãe com um grito que ela bem conhecia e, logo em seguida, já estávamos caçando besouros gigantes no terreno baldio do bairro vizinho. Aos que me perguntaram o que eu fazia ali sozinho, respondi que caçava besouros gigantes.

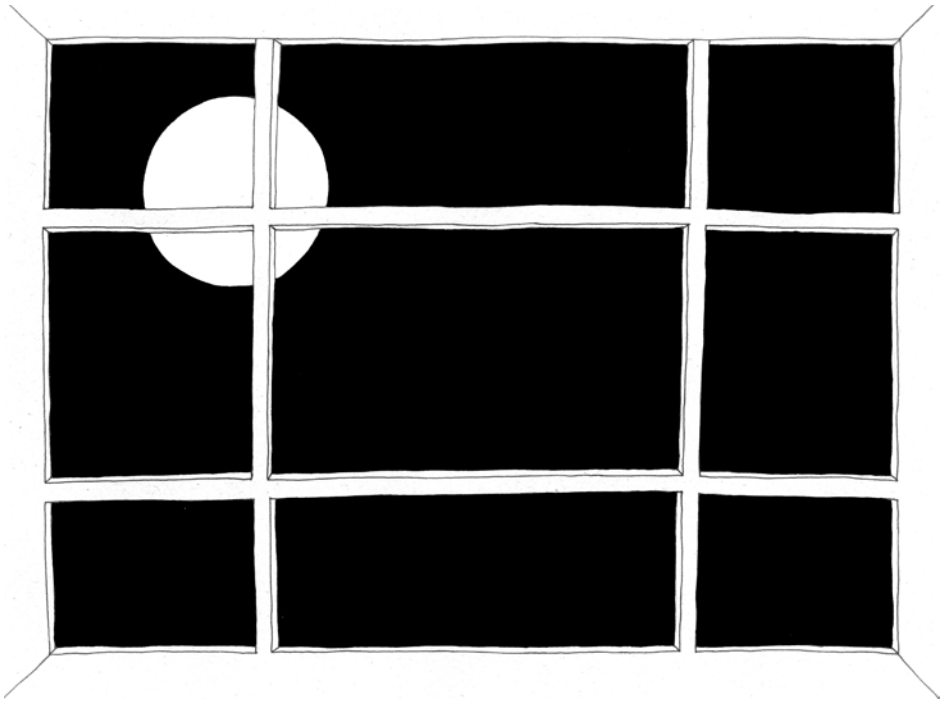
Todas as manhãs, o menino passou a me esperar. Não mais no quarto, e sim no nosso quintal, onde eu ia encontrá-lo sempre após o café. Ele me acompanhava à escola e depois das aulas voltávamos um atrás do outro, nos equilibrando em muretas e no meio-fio da calçada, tapando formigueiros com pedrinhas, seguindo as pipas que víamos no céu. Nossa amizade inseparável foi notada pela minha mãe, que passou a colocar uma cadeira a mais para o lanche que toda as tardes fazíamos na sala. Depois eu contava histórias do meu novo amigo, que minha mãe ouvia com interesse, embora sempre se referisse a ele como imaginário – e eu encaixava: transparente. Essas conversas aconteciam à noite, quando ele já havia se recolhido sobre os pneus do tanque de areia, quando já havia desaparecido no escuro.

Durante meses continuamos a visitar o terreno baldio e a caçar besouros que levávamos para casa. Aprisionávamos os insetos em fortalezas de areia vigiadas por soldados de guerra e bonecos de outros mundos. Esguichávamos todo o tanque causando inundações e cataclismas, só apaziguados até a próxima brincadeira. Quando a bronca de minha mãe vinha lá da cozinha, eu a levava inteira, pois não queria que ela soubesse que a façanha era conjunta. E não sendo pouca, tratávamos, os dois, de sumir bem rapidinho.

Sem que eu me desse conta, o tempo voou e minha mãe anunciou que em breve eu ganharia mais um ano. Mais um dedo, só que na outra mão. Um grande recomeço. Que veio de novo com o som daquela palavra comprida, que eu tinha aprendido a dizer e a guardar comigo, que era maior do que meu nome, do que minha idade, do que qualquer presente. Só não era maior do que o menino. Eu precisava contar a ele que íamos ter festa.

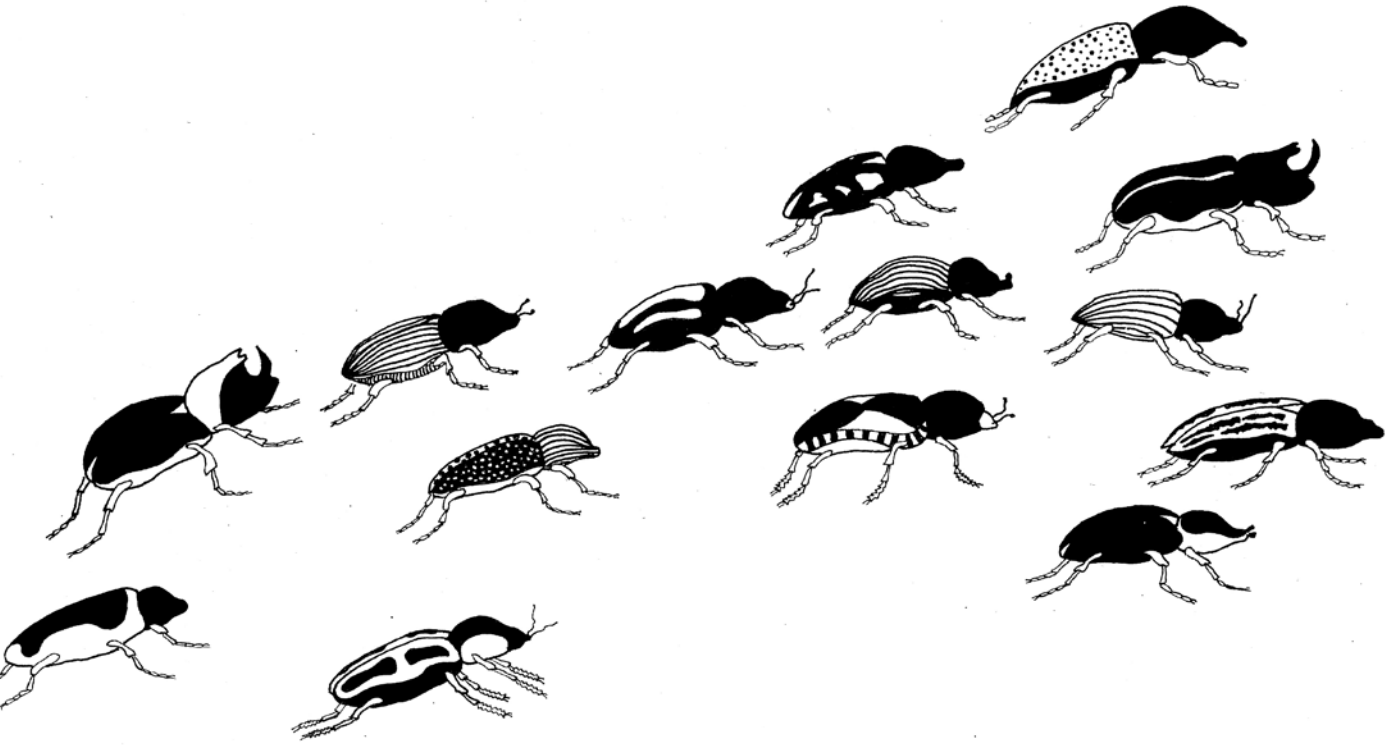
Por que ele não tinha vindo tomar lanche eu não sabia. Mas a certeza era de que, com a despedida da tarde, ele estaria sobre os pneus preparando seu cochilo. A caminho do quintal, encontrei minha mãe enrolando brigadeiros, e eu sabia que ajudá-la ia ter gosto de alegria. Sem titubear, sentei ao lado dela na mesa redonda da cozinha. Em algumas horas, montamos uma pirâmide do meu doce preferido, negra como a noite que já tinha chegado e do tamanho da minha vontade do dia seguinte.

...



É o seu aniversário. Baixinho nos meus ouvidos. Foi como minha mãe me despertou no meu dia de seis anos. Enquanto ela já voltara a arrumar a festa, eu me espreguiçava e olhava para minhas mãos para lembrar o quanto valia esse número. Na minha mão recém-inaugurada, o dedo apontava para a janela do quarto que dava para os fundos da casa. Saltei da cama de pijamas e segui de remela nos olhos para o quintal. O menino devia me esperar! — e eu a ele devia.

No que dei o primeiro passo lá fora, senti sob o pé o estalo de uma casca quebrada, uma crocância esmagada pela minha própria sola. Ao retirar o pé, vivi com repúdio e culpa a notícia de ter matado um besouro. Vi sua pasta interna avançada além da carcaça, o bicho esvaziado. Ainda limpei com o dedo os restos grudados na pele e um pouco na barra do pijama. Nisso vi um outro se aproximando, maior, como se viesse acertar contas. E quando levantei os olhos havia dezenas deles, libertos do nosso cativeiro, a vagar desorientados pelo chão de pedra.



Corri na hora para o tanque e, como se fosse mentira contada, encontrei-o vazio. Só um resto de areia sobrava. Entrei no tanque e gritei por meu amigo. Berrei algumas vezes, longe, sem nenhuma pista. Antes que eu disparasse pelas redondezas, vi um pouco de areia vazando por entre a pilha de pneus. Um fio fino, granulado e amarelo, saindo por uma ranhura da borracha. Cheguei junto e ergui a cabeça para poder olhar o interior. Toda a areia estava lá. E o menino.

Fiquei olhando, desentendendo... Um rosto coberto de areia, ou era a forma da areia que fazia um rosto? Uma cabeça tombada de lado, uns olhos lacrados, uma boca avolumada e entreaberta, e uma barriga inchada, estufada ao limite, mas perdendo estofo, pelo pneu a areia escapava. Comeu areia o meu amigo. Comeu areia demais. Durante a noite, tudo o que pôde. Querendo sustança, ganhar presença... Grão de menino, não transparência. E agora ele, ele ia embora... E eu quis dizer o nome do menino meu amigo, mas eu só disse menino meu amigo vem brincar, vem. Vem já! Os besouros gigantes estão escapando, eu acabei de ver um monte deles fugindo e a gente não vai deixar, não é? A gente tem que fazer logo uma fortaleza, rápido! Levanta, olha eles ali. Acorda vai! A festa vai começar, eu não te contei..., é que ontem..., é que ontem eu não pude, mas eu vim te chamar pra gente brincar! Hoje não tem aula. Minha mãe fez brigadeiro. Por que você não responde?!

• • •

Chegaram convidados. Vieram com coisas na mão...,embrulhos, embalagens. Falaram parabéns. Várias vezes sorriram para mim. Comeram doces na minha frente. Quiseram que eu aparecesse na foto. Pediam para eu dizer quantos anos fazia. Perguntaram daqueles besouros numa caixa de sapato. Minha mãe perguntou por que o aniversariante não queria comer, por que o aniversariante não queria brincar. Eu odiei esse nome, muito grande para qualquer coisa poder preencher. Odiei aqueles pneus e fui lá e derrubei todos. Uns foram parar fora do tanque. A areia esparramou. Chutei a areia, mas ela só subiu no ar e caiu de volta. Odiei as cores e o barulho daquela festa e, antes que começassem a cantar qualquer coisa, antes que quisessem acender qualquer vela, saí correndo, em vão, para o terreno baldio.

FELIPE ARRUDA tem contos publicados na antologia *Tempo Bom* (Ed. Iluminuras, 2010), na revista *Piauí*, no *Suplemento PE*, entre outros. Foi premiado no I Concurso Nacional de Contos da CEPE – Companhia Editora de Pernambuco. Realizou trabalhos em colaboração com artistas como Benjamim Taubkin, Ricardo Ribenboim e Brian Halloran. Participou da residência artística Homebase, em Berlim. É integrante do selo literário Edith. Mais em felipearruda.blogspot.com.

LAURA GORSKI é artista plástica, ilustradora e educadora. Atualmente vive e trabalha em Berlim. Participou de diversas exposições nacionais e internacionais, ilustrou o livro *A noiva do condutor*, opereta de Noel Rosa (Editora Terceiro Nome), 2º lugar no Prêmio Jabuti 2011 – categoria ilustração. Como educadora trabalhou na 29ª Bienal de São Paulo, no Instituto Tomie Ohtake, na OSCIP Comunidade Educativa CEDAC e na Escola Castanheiras. Mais em lauragorski.blogspot.com.